

Apelo de Ulysses não convence PMDB a dar apoio total a Sarney

Brasília — Nem mesmo o dramático apelo do presidente Ulysses Guimarães de que o Brasil vive uma “hora perigosa” conseguiu demover as bancadas do PMDB da Câmara e do Senado, reunidas extraordinariamente, da decisão unânime — e por aclamação — de negar apoio antecipado ao presidente José Sarney para novas decisões na área econômica. As bancadas limitaram-se apenas a apoiar a decisão do governo de suspender o pagamento dos juros da dívida.

A crise econômica não constava da pauta da reunião, convocada exclusivamente para discutir o regimento interno da Constituinte. Mas, o deputado Virgildávio Sena (BA), da ala progressista do partido, apresentou uma moção de apoio ao governo na negociação da dívida externa. Surpreendendo a todos, o deputado Roberto Cardoso Alves (SP), tido pelos seus pares como conservador, apresentou imediatamente uma emenda, acrescentando à expressão “bem como a todas as medidas econômicas”. O plenário reagiu. A deputada Cristina Tavares (PE), também progressista, idagou aos gritos: “Vamos assinar um cheque em branco ou um cheque visado?” O plenário recusou a emenda de Cardoso Alves com a mesma empolgação com que, há 15 dias, a bancada da Câmara aprovou a tese da Constituinte exclusiva.

Cardoso Alves pediu verificação de quorum (chamada nominal), alegando que cada um deveria ser transparente em sua posição e não se esconder atrás de votação simbólica. O líder do Senado, Fernando Henrique Cardoso, sentado ao lado de Ulysses, na mesa presidida pelo líder Luiz Henrique, observou aos jornalistas: “O Robertão (assim conhecido o deputado Cardoso Alves) quer expor cabeças”. Depois, Fernando Henrique, que é relator do regimento da Constituinte, tentou desviar a crise, exigindo que se voltasse ao tema específico da reunião e advertiu: “Essa decisão pode não refletir a posição do partido de apoio total ao presidente Sarney.” O plenário, agitado, queria discutir a crise. Ulysses percebeu a gravidade da situação e dirigiu-se, trêmulo, ao plenário.

— Sei que é propósito do PMDB não enfraquecer a posição do presidente da República, anunciada ao país e ao mundo. O presidente, inclusive, fez um apelo de união a todos os brasileiros para enfrentar esse problema central. Sei que interpreto o pensamento do partido, no sentido de fortalecer o presidente da República. Não pode haver interpretações neste momento difícil e diria perigoso. Não será o PMDB a faltar com o dever de solidariedade ao chefe da Nação.

O líder Luiz Henrique conseguiu, com isso, retomar a discussão do regimento da Constituinte e prevaleceu a decisão inicial das bancadas de aprovar a moção, nos seguintes termos: “Os deputados e senadores constituintes do PMDB, expressão da vontade majoritária do povo brasileiro, manifestam ao presidente José Sarney seu mais decidido apoio às medidas patrióticas que vem de adotar no encaminhamento da solução do problema de nossa dívida externa.”

Mais tarde, em entrevista, o deputado Ulysses Guimarães tentou explicar que a aprovação da moção revelou “um apoio inequívoco e entusiástico ao presidente da República”. Quanto ao fato de o PMDB recusar apoio antecipado, Ulysses argumentou que “interpreta-se o que o partido deseja estudar as novas medidas, no sentido de colaborar com o presidente da República para aperfeiçoá-las, se for o caso. Mas o apoio e a solidariedade do partido não faltarão ao presidente José Sarney”.

Já o deputado Cardoso Alves acusou as bancadas de assumirem um comportamento idêntico ao do líder e presidente do PT, Luiz Inácio Lula da Silva — o de apoiar medidas externas e condenar as decisões econômicas internas. O líder do governo no Congresso, Carlos Sant’Anna, que participou da reunião, ficou preocupado com as repercussões da decisão. O vice-líder da Câmara, João Hermman (SP), um dos parlamentares mais ligados a Sarney, disse que estava com “a cara no chão”, porque, pelo menos até ontem, conclamava outros partidos a aderir a posição do PMDB de apoiar “todas as decisões do governo”.

A cúpula do PMDB atribuiu a decisão a uma inexperiência do líder Luiz Henrique, por ter colocado em votação a proposta de Virgildávio Sena, quando o plenário estava lotado e inquieto. Segundo dirigentes do partido, o líder deveria ter seguido o estilo pessedista de Ulysses de só colocar a moção em votação no final da reunião, quando, cansados os parlamentares não polemizam mais nada. Na verdade, a moção foi apresentada no início da reunião, mas Luiz Henrique adiou a votação para poder ter quorum. A reunião, a primeira conjunta das duas bancadas, compareceram cerca de 200 dos 403 parlamentares do PMDB.